

## SAUDAÇÃO AOS FORMANDOS: DISCURSO DA PARANINFA \*

*Maria Josefina Leuba Salum \*\**

Há alguns meses, creio eu tenham sido dois, a presidente da Comissão de Formatura, Lucila, me comunicava sorridente, como de hábito, a escolha do paraninfa dessa turma. Naquele instante, meio atordoada com o fato, mais constrangida do que recompensada, não me permiti, nem por um minuto, refletir sobre a função do paraninfa. Era como se uma bomba caísse aos meus pés e, de uma hora para outra, passasse para um estágio de surdez total. Mal consegui responder e agradecer-lhe naquele momento. Alguns dias depois, refeita do susto, caí em mim e tomei consciência de que não havia nascido para ser paraninfa, já que paraninfa era uma pessoa que devia fazer discursos. O gosto pelo ensino me levava a crer que até que eu sabia dar aula, mas fazer discurso nunca fora o meu forte. Dar presente, missão aventada por alguns, estava completamente fora das minhas condições. Não é fácil ser madrinha de 26 afilhados numa época de inflação.

E este discurso, tão aguardado por mim, foi manuscrito a duras penas e, seguramente, após várias noites de sono interrompido, de conflitos pessoais, de envolvimento de familiares e amigos. Mas valeu a pena! Vocês me fizeram rever toda a minha vida em casa e na Escola, como docente e como aluna.

Desculpem-me se ouse confessar-lhes isto. Mas sem essa confissão, creio que hoje, aqui, eu ficaria muda.

Acreditava eu, aos poucos, que fazer um discurso não seria tão difícil assim. Era só rascunhar de véspera e tudo sairia bem. Ledo engano meu! A Bethinha me dizia: “você só fará esse discurso de véspera, tenho certeza”. Mas eu já tinha passado para uma fase de auto-confiança e tinha certeza de que não na véspera (como realmente o foi), mas 15 dias antes, ele estaria pronto. Pedi auxílio a meu pai, lingüista de competência inquestionável. Não para escrevê-lo, é claro! Posso não ser original para falar, mas autêntica sim! Eu queria de meu pai um favorzinho: o significado da palavra paraninfa e toda sua história. Tinha certeza de que esse seria um ótimo ponto de partida. Meu pai sorria e dizia: “isso é uma bobagem! paraninfa é só o mesmo que padrinho”. Eu, inconformada, não podia crer que a origem do termo fosse essa, tão simples. Implorei a ele que verificasse o significado do termo em grego, latim e em todas as línguas mortas possíveis. Tão traumatizante assim, paraninfa só podia ser um termo digno de imperadores, etruscos e gladiadores de arena. O meu conflito agora não era mais o de ser paraninfa, era o de fazer o discurso. Deveria haver um meio de enfrentar esse dia a qualquer custo!

Quinze dias depois, recebo de meu pai um envelope com anotações manuscritas sobre a origem do termo. Nem o abri: tinha medo. Afinal, ali estava o início

\* Discurso pronunciado em 16 de julho de 1981, a um grupo de formandos da Escola de Enfermagem da USP.

\*\* Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica da EEUSP, disciplina Nutrição aplicada à Enfermagem.

do meu discurso. Trouxe-o para casa e deixei-o sobre a mesa do telefone mudo. Lá ficou o envelope que encerrava algumas horas de dedicação a uma filha que cursou essa escola, passou pelos mesmos problemas que vocês, engajou-se na vida universitária, casou-se, mas que até hoje, e felizmente, não saiu de casa. Eu não me conformava em tê-lo feito fazer isso por mim em troca dessa minha indolência.

Há 4 dias atrás, resolvi-me. Tinha eu que iniciar as minhas divagações sobre esse dia. Fui para a Escola disposta a pensar no discurso. O primeiro passo era consultar os manuscritos sobre o termo paraninfo. Meu pensamento foi porém interrompido. Havia um recado para mim: era preciso descer ao 1.º andar para provar a beca com D. Adelina. Beca? Foi outra bomba. Essa era maior que a primeira. Fazer discurso até que já não era mais problema. . . Mas fazer discurso de beca. . . ? Meus queridos colegas, que sina vocês me reservaram. Se até então eu estava desconcertada, imaginem vocês daí para a frente.

Vocês não podem imaginar o sofrimento pela minha incompetência para ser paraninfo. Eu queria reuni-los e dizer-lhes isso. Eu não sirvo, sou tímida, não sei andar com essa roupa, não sei falar aquelas coisas de que todo mundo gosta, minha experiência anterior é pobre, não participei nunca das minhas formaturas, nem de beca, nem sem beca, nem com, nem sem discurso. Porém queridos afilhados, era tarde demais. Rendi-me à beca e ao discurso e esqueci-me de que paraninfo significa padrinho do noivo em grego e em latim e que em espanhol e catalão, vejam vocês, só em espanhol e catalão é que aparece o professor. Assim mesmo, é o professor que dá a aula inaugural. A única língua que reserva o termo para padrinho de formandos é a nossa língua, sobretudo na tradição brasileira e é possível que o termo tenha sido herdado do francês, já que nas antigas Escolas de Medicina e Teologia da Universidade de Paris, o discurso solene de encerramento do curso era feito pelo paraninfo. Nada disso tinha mais importância! Eu precisava retribuir a vocês o presente que me faziam com essa escolha e, já que não era uma aula inaugural, pensei que podia presentear-los com a última oportunidade de aprendermos juntos, nessa aula final do curso.

Lembrei-me de que tinha gente morrendo de fome no mundo. Lembrei-me de que a Conferência Mundial de Alimentação de 1977 havia revelado que 1 em cada 8 habitantes da terra se encontrava em estado de inanição e de que mais de 75 milhões dos 800 milhões de crianças dos países sub-desenvolvidos estavam condenadas a morrer antes dos 5 anos de idade! Lembrei-me de que a deficiência nutricional é a doença de maior prevalência no Brasil e que, segundo a Investigação Interamericana sobre a Mortalidade na Infância, realizada no fim da década de 60, é a deficiência nutricional cúmplice das doenças transmissíveis. Elas matam! Elas são as grandes responsáveis pelos altos índices de mortalidade infantil no nosso meio. Lembrei-me de que vocês iriam trabalhar com essa mesma população que está morrendo de fome antes mesmo de saber o que é a vida. Morrendo de fome. . .

Lembrei-me de que a mortalidade infantil em São Paulo ainda é de 61,42 por 1000 nascidos vivos em 1979, apesar do estudo do Dr. Leser ter desmascarado em 1975, o mito da mortalidade infantil no nosso estado. Ele ratificou o fato de que, quem ganha menos, morre mais cedo e em maior número.

Lembrei-me de que 31,9% das crianças menores de 5 anos em São Paulo tem desnutrição em algum grau e que essa desnutrição é causada pela fome e que a fome se deve a falta de recursos.

Dr. Josué de Castro, vocês não conheceram, (morreu no exílio por ter mostrado que no Brasil e no mundo se morre de fome), na década de 50, já mostrava que esse era um fato monstruoso... e ele ocorre até hoje!

Mas há gente que vive. Sim, isso há! Mas e a expectativa de vida do nosso povo? Como ela é? Em 1976, a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados informa que é em torno de 60 anos; e quanto mais baixa a renda, menor é a possibilidade de se viver mais. Nos países desenvolvidos, como Suécia, Inglaterra, Estados Unidos e outros, a expectativa de vida média vai de 71 a 74 anos. Eu diria que, nesse caso, o que é bom para os Estados Unidos devia ser também bom para o Brasil! E uma publicação do Instituto de Saúde da Secretaria de Saúde diz que a nossa expectativa de vida é assim tão baixa por causa da forte mortalidade infantil e de adolescentes.

Mas os sobreviventes, como é que vivem?

Com baixíssimos salários. Em 1970, 75% da população não recebia mais do que 3 salários mínimos. Três salários mínimos equivalem hoje a mais ou menos 25 mil cruzeiros. Atualmente, segundo a Associação Profissional dos Enfermeiros do Estado de São Paulo (APEESP), 60% dos enfermeiros recebem de 30 a 40 mil cruzeiros mensais e a maior parte dedicando mais do que 36 horas de serviço semanal. Segundo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos, as famílias gastavam, em 1970, 50% do seu salário em alimentação. Será que com Cr\$ 12.500,00 dá para alimentar uma família? Será que a nossa mesa "está farta"?

Mas não se vive só com baixos salários não! Vive-se também e, principalmente, morre-se com esquistosomose, sarampo, meningite, poliomielite, difteria, hanseníase, tuberculose, miséria, miséria e miséria.

Meus colegas, é aí que reside a sua seara de trabalho. É aí que vocês vão trabalhar! É aí que nós precisamos trabalhar!

A atenção primária de saúde está aí. Ela envolve a promoção da nutrição adequada, o desenvolvimento do setor educação, o abastecimento de água potável, saneamento básico e a prestação de serviços maternos-infantis que incluem desde a prevenção e controle de doenças transmissíveis até a educação em questão de problemas de saúde.

A saúde tem que chegar a todos? Há que se lutar por infra-estrutura adequada. O Dr. Mahler diretor da Organização Mundial de Saúde dizia que a enfermagem, assim como a medicina, já se dedicou muito ao atendimento das necessidades de alguns privilegiados. Diz ele que se os enfermeiros estão dispostos a reconhecer a atenção primária como um meio de chegar a um nível aceitável de saúde, então, e só assim, o mundo precisa de enfermeiros. É assim que nós queremos ser?

Nós precisamos ser enfermeiros que de fato entendam que deve haver um compromisso político com a assistência primária de saúde que não se limita a um apoio formal dos líderes governamentais e comunitários, mas como diz o Dr. Mahler, compromisso político que exige a reorientação das estratégias nacionais de desenvolvimento do setor saúde.

Nós somos muito poucos. A Secretaria da Saúde, segundo dados da APEESP, conta com 182 enfermeiros em todo o Estado e se estima a necessidade de 870 para que o trabalho seja de fato efetivo, contando, assim, com um enfermeiro no mínimo por Centro de Saúde. Por isso, mais do que nunca, nós precisamos ser fortes. Nós precisamos ser unidos e antes de tudo ter consciência dos nossos problemas de saúde inseridos num contexto muito maior que é a vida; nós precisamos ter consciência das nossas limitações e das limitações dos nossos companheiros de trabalho, sejam eles os nossos subalternos, os nossos superiores, os nossos iguais, os nossos pacientes.

Estudem os nossos problemas, estudem as recomendações da Conferência de Alma-Ata. Confrontem tudo isso com as ações de saúde que estão sendo executadas ou que se pretende implementar no nosso meio. Verifiquem o que a sociedade espera de vocês, o que ela espera de nós. Sobretudo trabalhem na prestação direta de serviços à comunidade, que só assim vocês contribuirão de fato, para melhorar o seu nível de saúde.

Colegas, companheiros de trabalho e de sofrimento!

Vocês vão se sentir impotentes face a tudo isso! Ajam, discutam, associem-se às suas entidades de classe e trabalhem nelas. Não deixem que a irresponsabilidade, a desonestidade, a covardia, o mercenarismo, o oportunismo e a desconfiança tomem conta de vocês. Eles tentarão infiltrar-se nas suas cabeças nos locais de trabalho. Mas tenho certeza, serão vencidos!

Mantendam esse espírito de luta, que vocês sempre demonstraram, essa fibra, esse amor ao trabalho e ao próximo, à lealdade, à honestidade, à dedicação, à verdade, à tolerância, à compreensão de quem está abaixo ou acima de vocês, especialmente de quem está abaixo.

Essa classe hoje se forma, presente aqui incompleta. Eu entendo perfeitamente os ausentes. Eu fui ausente também. A desilusão com a formação que damos e recebemos, com o crescimento dos problemas reais de saúde da população, a desilusão em ver o desinteresse demonstrado pelos detentores do poder com essa população agredida, a desilusão com aqueles que não têm coragem de dizer não sei (porque têm vergonha de não saber tudo), e, finalmente, a desilusão com a desilusão dos que labutam no ensino e no campo, aflige-nos, abate-nos.

Mas, todos, presentes ou não, eu os conheço bem; sei que serão capazes de vencer os obstáculos mais difíceis que, certamente, irão encontrar em sua vida profissional, especialmente no seu início. Uns terão maior, outros menor dificuldade em superá-los. Estou à disposição para enfrentarmos juntos qualquer desafio e tentativa de achar um caminho novo. Apesar de dedicar igual amizade a todos os alunos que juntamente comigo estudam e aprendem um pouco mais sobre Nutrição, esta classe nunca será esquecida. E isso não reside no fato de eu hoje estar aqui neste auditório, vestida a caráter, proferindo o discurso que jamais imaginei pudesse tornar-se realidade. Nunca hei de me esquecer dos anos 77, 78, 79, 80 e 81 em que o convívio com vocês foi de um proveito e uma gratificação fundamentais para o meu desenvolvimento. Quanto, mas quanto erramos, tropeçamos e aprendemos juntos! Nunca hei de me esquecer da classe que, acreditando na importância da Nutrição para a Enfermagem, me homenageou em 78

com flores e um cartão que dizia: “Suzy, a amiga n.º 1 do 2.º ano”. Nunca hei de me esquecer da classe que, em 1978, ainda que em pequeno número, desistiu da Enfermagem porque enxergou gigantes onde só existiam moinhos de ventos. Nunca hei de me esquecer da classe que, em 1979, e desde 1977, não esmoreceu, ao contrário, se manteve firme no seu caminho para chegar até os meados de 1981 porque acreditava na sua contribuição para a Enfermagem e para a Saúde.

É tradição nos discursos de paraninfo se dizer aos formandos que, naquele ato, eles recompensam seus pais; eu digo que não é só a eles. É aos pacientes, aos funcionários desta Escola e das Instituições de Saúde que receberam vocês, aos professores e a vocês próprios que souberam suportar, sem jamais se calar, todas as impropriedades e injustiças que, fatalmente, ocorreram na sua formação. Aproveitem os bons exemplos da sua vida escolar; não esperem gratidão pelos seus bons atos e não se desanimem quando, em vez dela, vier a ingratidão. A melhor recompensa é a consciência do dever cumprido com amor. Inspirem-se na velha máxima “não façais aos outros aquilo que não quereis que vos façam”, ou, de um modo mais positivo, inspirem-se no ensino de Cristo que disse “tudo aquilo que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, porque isto é a lei e os profetas”.

Deus abençoe a sua carreira e que o espírito de luta e de colaboração que essa classe demonstrou na sua passagem pela Escola não esmoreça jamais.

Obrigada pela oportunidade de estar aqui com vocês e ter podido, elaborando e vivendo esse discurso, aprender um pouco mais sobre a vida.

Obrigada.